



Entre os dias 18 a 22 de setembro de 2007, em Belo Horizonte-MG, foi realizado o VI Festival Lixo e Cidadania, evento organizado pela Rede de Economia Solidária (Cataunidos) e que promove o encontro de diferentes setores da sociedade, em especial os catadores de materiais recicláveis e moradores de rua, propiciando o intercâmbio de experiências e a busca de alternativas ao modelo atual de desenvolvimento sócio-econômico e ambiental. Nesta ocasião a equipe editorial da Mosaico: estudos em psicologia reuniu-se com o professor Boaventura de Sousa Santos, conferencista do evento, para a realização desta entrevista. Boaventura de Sousa Santos é diretor do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Publicou os livros *Um Discurso sobre as Ciências* (1988); *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna* (1989); *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-Modernidade*

Entrevista

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

(1994); *A gramática do tempo: para uma nova cultura política* (2006); entre outros. As perguntas foram elaboradas e conduzidas por Frederico Alves Costa e Otacílio de Oliveira Junior, estudantes do curso de graduação em psicologia da UFMG, com colaboração das professoras Vanessa de Andrade Barros e Maria Luisa Magalhães Nogueira, a quem os editores agradecem. Nesta entrevista o professor Boaventura de Sousa Santos fala da relação entre universidade e sociedade. A entrevista foi breve, pois, segundo o professor, 50% de seu tempo estava dedicado diretamente à universidade e os outros 50% dedicado aos movimentos sociais. O dia de sua conferência no Festival Lixo e Cidadania era, nas palavras do professor, “o dia dos movimentos sociais, o dia dos catadores”.

Mosaico: Como o senhor pensa o procedimento de tradução articulando universidade, movimentos sociais e Estado?

Boaventura de Sousa Santos: Esta é, para mim, uma das questões fundamentais. Estive ontem a discutir na UFMG que as universidades hoje têm que encontrar outras formas de legitimação do seu saber, uma vez que as elites estão hoje mais interessadas nas universidades globais do que nas universidades nacionais, e outros querem transformar a universidade num negócio. Eu acho que é muito importante que a universidade definitivamente defina as suas solidariedades e as suas opções, e as opções devem ser com os movimentos sociais e a sociedade politicamente organizada. Para isso, obviamente haveria uma grande transformação e essa trans-

formação é ir muito para além da extensão. É evidente que é possível credibilizar a extensão, mas a extensão, em si mesma, na sua própria formulação, se contradiz, porque é um ato de extensão, porque há uma instituição que não se sustenta, que não se abre à sociedade, e é por isso que temos de fazer extensão. Eu proponho que ela se amplie, mas que faça também a “extensão ao contrário”, que é trazer os conhecimentos populares, urbanos, camponeses, indígenas, os catadores para dentro da universidade e trabalharem com os estudantes, organizarem lições, darem aula dentro do currículo, para que este conhecimento popular possa vir a ter lugar. Com certeza que, epistemologicamente, isso constitui o que eu chamo uma “ecologia do saber”, onde convivem o saber universitário – acadêmico, científico – com os saberes populares. Claro que são muito diferentes, pois têm diferenças de poder. Vivemos numa sociedade onde o saber científico tem muito mais poder, e, por outro lado, são diferentes na medida em que têm diferentes linguagens, diferentes conceitos. E é nesse nível que entra a tradução. Cada movimento é uma tradução recíproca entre movimentos. Não é tradução lingüística, é tradução recíproca sobre os conceitos que se usam: por que que uns movimentos usam “socialismo” e outros não usam “socialismo”!? Por que que usam uns “dignidade” e outros não usam!? E “emancipação social”!? Por que uns privilegiam a ação direta e outros a ação institucional!? Uns consideram que o Estado é um aliado, outros que o Estado é um inimigo! Como é que tudo isso pode traduzir entre si? Traduzir é encontrar diferenças, mas sobretudo semelhanças, com o objetivo de que as lutas de cada um sejam a luta de todos. É muito importante que o movimento sindical, que tem a sua luta própria, se convença que a luta dos catadores também é uma luta sua. Que as feministas entendam que a luta indígena também é uma luta sua. Que os ecologistas entendam que a luta do MST também é uma luta deles. E isso é um esforço de tradução. É para nos compreendermos me-

78

lhor e para vermos se por cima ou por baixo das diferenças a gente procura a unidade.

Mosaico: Quais as suas impressões sobre o movimento dos catadores de materiais recicláveis?

Boaventura de Sousa Santos: Eu trabalho muito com os movimentos sociais. Venho da Argentina, onde estava também com os catadores. São os “cartoneiros de Córdoba”, com grandes líderes, maravilhosos, com quem partilhei durante três dias. Estou muito habituado, isto pra mim é ótimo. Não tenho aquela visão romântica do professor que nunca viu um movimento social, nem um espaço deste [Festival Lixo e Cidadania] e fica maravilhado. Isso faz parte do meu cotidiano, da minha vida, sinto-me muito bem, acho realmente que todo este material reciclável mostra bem como é que se pode fazer uma tradução entre o movimento ambiental, ecológico e o movimento dos catadores. Está na cara que isso se pode fazer! Há, portanto, ótimas conexões que estão aqui visíveis e, portanto, pra mim é um ambiente no qual me sinto muito próximo e estou muito à vontade, me sinto em casa.

Mosaico: O senhor já conhecia o movimento dos catadores de materiais recicláveis de Belo Horizonte?

Boaventura de Sousa Santos: De Belo Horizonte não. Conheci os que estiveram presentes no Fórum Social Mundial, e conheço o movimento de catadores da Bogotá, porque fiz um trabalho em Bogotá sobre os catadores/circuladores, que está no volume segundo da coleção da Civilização Brasileira. Meu colega César Rodrigues que fez este trabalho e eu acompanhei. Também estava na Argentina com o movimento dos catadores argentinos. Estava a falar com João Batista [Moreira Pinto, professor da Escola Superior Dom Helder Câmara] e eventualmente fazer um estudo sobre esse movimento aqui em Belo Horizonte, porque me parece um muito interessante e quem sabe alguns de vós podereis me ajudar neste trabalho! ■